

O ENSINO DE GRAMÁTICA NA UNIVERSIDADE: ANÁLISE DA PROPOSTA DA USP E UFMA E UERN

Telma Patricia Nunes Chagas Almeida (Bolsista FAPER/CAPES/UERN/PPGL)¹

E-mail: telmauern@gmail.com

Francimeire Cesário de Oliveira (UERN)²

E-mail: meire.c@hotmail.com

Rosângela Maria Bessa Vidal (UERN/PPGL)³

E-mail: rosangelauern@gmail.com

Introdução

Na visão funcionalista o ensino de gramática se constitui a partir do discurso, concebido como um conjunto de regularidades que são convencionalizadas pelo uso concreto nas diferentes situações discursivas.

Du Bois (1993) afirma que “o discurso molda a gramática e a gramática molda o discurso”. Sob essa concepção, a língua passou a assumir novas funções, valores e usos para formas já existentes.

O funcionalismo linguístico se preocupa com o estudo da utilização da língua em situação comunicativa, priorizando o componente pragmático atrelados aos componentes sintáticos e semânticos. Segundo Furtado da Cunha e Oliveira (2003), todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática. O que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a natureza e o propósito do ato da fala visto como um fenômeno cultural e cognitivo.

Desse modo, para os funcionalistas, a língua não pode ser considerada totalmente independente de seus fatores externos, uma vez que a gramática de uma língua é dinâmica e flexível e sob esse prisma, a gramática é como propõe Du Bois (1985), “um sistema adaptativo”, isto é, em parte autônomo por se tratar de um sistema e ao mesmo tempo suscetível a pressões externas, o que a torna adaptativa.

A gramática cognitiva-funcional considera “a língua como instrumento de uma prática social, sendo as expressões linguísticas analisadas em circunstâncias efetivas de

¹ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, do Curso de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Bolsista CAPES/FAPER/CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), Campus CAMEAM, UERN.

² Mestre em Letras. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), Campus CAMEAM, UERN.

³ Doutora em Estudos da Linguagem, docente do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Líder e Orientadora acadêmica do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF), Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia - CAMEAM, UERN.

interação verbal”. (PEZATTI, 2007, P. 179) ao adotar princípios distintos que caracterizam o formalismo, apresentando em sua constituição aspectos que conforme Bechara (2005, p. 62):

- Observam o uso da língua, considerando-o, fundamental para a compreensão da natureza da linguagem;
- Observam não apenas o nível da frase, analisando sobretudo, o texto e o diálogo;
- Tem uma visão da dinâmica das línguas [...]
- Consideram que a linguagem reflete um conjunto completo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas, integradas com o resto da psicologia humana [...].

Segundo essa concepção, a situação comunicativa motiva a estrutura gramatical; o conhecimento do sistema linguístico não é suficiente para compreendermos dadas situações linguísticas em situações de uso concreto. Quando nos expressamos em uma determina língua combinamos unidades sintáticas em contextos comunicativos e, para que de fato isso ocorra, é preciso conhecer as regras semânticas, sintáticas, morfológicas, fonológicas e pragmáticas.

Desse modo, a gramática funcional consiste em uma gramática de uso, esta não se limita a analisar frases ou períodos isolados, e sim, a analisar atos enunciativos nos diferentes tipos de discursos que produzimos ao nos comunicarmos. O ensino de gramática em línguas, deve não apenas contemplar a gramática tradicional, é sua tarefa e dever realizar um trabalho reflexivo com a língua.

O objetivo desse trabalho é apresentar os resultados via análise dos dados coletados durante o desenvolvimento do projeto “*O Ensino de Gramática na Universidade: análise da proposta pedagógica em cursos de letras de IES brasileiras*”. É importante ressaltar que seguindo o plano de trabalho e cronograma estabelecidos, o referido artigo volta-se a discussão e análises dos dados sobre o ensino de gramática envoltos as IES brasileiras UERN, UFMA e USP, como também apresentá-lo como resultado dos estudos e conhecimentos adquiridos durante a disciplina Texto, Ensino e Discurso ministrada por docentes do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN/CAMEAM), membros do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD/CAPES).

Para tanto, nos aportamos com relação à UFMA, aos dados mapeados contidos no banco de dados obtidos via coleta *in lócus* (Durante uma viagem de campo para coleta de dados em 2010); com relação à UERN, foram coletados dados no *Campus Avançado* Professora Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), bem como nos núcleos de Assu e Umarizal, respectivamente no cursos de Letras, assim como no material fornecido pelos membros do PROCAD/CAPES entre as IES brasileiras, UERN, USP e UFMA. Com relação a USP, os dados foram coletados via consultas *on line* através do sistemausp@br.

A pesquisa foi desenvolvida no período correspondente a agosto de 2012 a julho de 2013. Como dito anteriormente, a coleta de dados foram realizados via visitas *in lócus* (UERN, UFMA) e por consultas *on line* (USP, por meio do sistemausp@br). A pesquisa assumiu caráter bibliográfico, formulada a partir da descrição e interpretação, no qual em ênfase incide acerca do ensino de gramática e suas metodologias nos cursos de Letras de IES brasileiras.

Para sua operacionalização, adotamos pesquisas documental e bibliográfica, conforme universo de estudo que se constituíram por informações advindas nos componentes curriculares, PGCC, dentre outros; das Licenciaturas em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa e respectivas Literaturas), nas modalidades presenciais de IES brasileiras.

1. A gramática cognitivo-funcional

Partindo dos estudos teóricos realizados durante o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente apresentaremos como um dos resultados obtidos uma breve discussão teórica acerca do ensino de gramática, com ênfase nos estudos funcionalistas e, por conseguinte, na gramática cognitivo-funcional. Em seguida, partiremos para as discussões e resultados do material coletado nas instituições de Ensino Superior UERN, UFMA e USP.

Ao pronunciarmos o termo gramática, logo nos vem em mente várias concepções que podem ser encontradas em manuais de linguística e de língua portuguesa (gramática Tradicional / normativa, gramática descritiva, gramática cognitiva funcional, etc.). Entretanto, para este trabalho destacaremos somente a visão da abordagem cognitivo-funcional, já sistematizada na introdução do referido trabalho.

Consoante ao funcionalismo linguístico, a língua é um instrumento de comunicação que não pode ser considerada como um objeto autônomo e, sim, como uma estrutura exposta a conjunturas comunicativas sob a influência de estruturas linguísticas. Nesse sentido, o funcionalismo busca analisar a estrutura gramatical a partir do uso, ou seja, considera toda a situação comunicativa a qual se encontra os participantes: o propósito da fala e o contexto discursivo.

Furtado da Cunha (2008), nos revela que no modelo de análise funcionalista, “a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico”, e a partir dessa base é que são feitas outras propostas funcionalistas, como: o funcionalismo europeu e o funcionalismo norte americano.

Em nossa pesquisa tomamos como ponto central o funcionalismo norte-americano, ao qual se tem como precursor o linguístico Whorf Dwight Bolinger. A visão funcional norte-americana impulsionou um novo olhar as Ciências da Linguagem, ao desconjuntar a ideia de que a língua era um produto acabado, não mutável. Bolinger atentou aos fatores pragmáticos operados em dados fenômenos linguísticos estudados e defendidos por estruturalistas e gerativistas; o precursor da corrente norte-americana impulsionou as análises de fenômenos particulares, tornando-se pioneiro nos estudos relacionados à pragmática da ordenação de palavras.

O funcionalismo americano é visto como uma abordagem contemporânea, a língua é concebida como recurso de interação social, o que conduz a um estudo entre a estrutura do sistema linguístico e seus fins comunicativos, isto é, sua notabilidade ocorre na relação da língua com o seu meio de efetivação.

Apresenta-se como uma abordagem contemporânea, manifestando-se em uma maior produção teórica atual, ao assimilar aportes teóricos de outras áreas, tais como da cognição, da sociolinguística, da teoria da interação verbal e da etnografia da comunicação, dentre outras áreas que estudam a língua em uso (falada e/ou escrita).

Seus principais representantes são Bolinger, Givón, Hopper, Thompson, Chafe, entre outros, que exploram a linguística com vistas ao uso, observando a língua no âmbito do contexto linguístico e da situação extralinguística.

Desse modo, a abordagem funcionalista americana tem como base central as condições de produção a que se submergem os usos lingüísticos; o que resulta em uma variedade de práticas lingüísticas pluralizadas assim como os ambientes que subsidiam esse processo, isto é, o ambiente social. Conforme Vidal (2009, *apud* NICHOLS, 1984), “implica na articulação de elementos como os participantes do ato da fala, os seus propósitos comunicativos e o contexto discursivo”.

Nas palavras de Oliveira (2003, p. 23):

O funcionalismo lingüístico, nessa perspectiva contemporânea, propõe analisar o uso regular da língua mediante estratégias discursivas aos seus propósitos comunicativos. A língua é analogicamente intrínseca a possibilidade de plena participação social. A partir de seu uso se dá o processo de comunicação, e é por intermédio da linguagem que se tem acesso à informação, que se expressa e defende pontos de vista, que se partilha e constrói visões de mundo, que se produz cultura, fazendo a mediação das atividades dialógicas e representando o conjunto desta, disponíveis no funcionamento da linguagem e comunicação de uma sociedade.

Conforme essa concepção o plano discursivo e cognitivo, bem como a língua enquanto plano da pragmática consegue traduzir os aspectos contidos no plano comunicativo da linguagem, ou seja, é por intermédio desse plano comunicativo real que ocorrem as expressões e construções de visão de mundo pertinentes aos usuários da língua.

A seguir, apresentaremos as análises dos resultados do material coletado e mapeado nas instituições, referente ao ensino de gramática, focalizando nos conteúdos e nas metodologias. Selecionamos 39 programas gerais de disciplinas (PGCCs) relacionados as disciplina Linguística, Tópicos de gramática, Semântica, Língua Portuguesa, Morfossintaxe e Diacronia do Português, bem como uma dissertação de mestrado da UFMA, contida no banco de dados do PROCAD/CAPES.

2. Análise dos dados

Em primeira instância é importante destacar que há uma variação nas matrizes curriculares das instituições *corpus* da pesquisa; as disciplinas contidas nas respectivas grades curriculares do Curso de Letras ocorrem de forma específica em cada instituição.

Na UFMA, a grade curricular do curso de Letras é composta por 07 disciplinas de lingüística (Linguística I, II, III, IV, V, VI e VII), que ocorrem durante os períodos do curso, bem como as disciplinas de Língua Portuguesa são composta por 05 disciplinas consecutivas (Língua Portuguesa I, II, III, IV e V). Em sua grade curricular constata-se a ausência de disciplinas como Tópicos de Gramática, Semântica, Morfossintaxe e Diacronia e a contraposto, constata-se a presença de disciplinas voltadas à prática docente, tais como, Aproximação com a Prática, Diagnóstico da Comunidade Escolar, Intervenção na Realidade Escolar e Informática Aplicada à Educação. Já as IES UERN e USP, apresentam semelhanças com relação a disposição das disciplinas em suas matrizes curriculares. Vejamos no quadro que se segue:

Instituições de Ensino Superior		
Disciplinas	UERN	USP
Linguística	02	03
Tópicos de Gramática	02	01
Semântica	02	03
Língua Portuguesa	01	07
Morfossintaxe	03	01
Diacronia do Português	01	01

Segundo o mapeamento, comprova-se a aproximação das disciplinas, isto é, são comuns em ambas a presença das disciplinas Semântica, Tópicos de gramática, Morfossintaxe e Diacronia, com uma leve variação no que se refere aos créditos de aulas e trabalhos práticos. Outra distinção a ser constatada refere-se a uso de nomenclaturas distintas entre as IES UERN, USP e UFMA, isto é, a USP em seus PGCCs faz uso da nomenclatura Programa Resumido, a contraposto das outras IES que utilizam o termo Ementa. Vejamos a seguir essa distinção conforme amostra e discussão das disciplinas.

EMENTA 01 – IES UFMA:

EMENTA: Semântica: conceituação, objetivo e áreas afins. Léxico e semântica. Sentido e referência. Significado: propriedades e relações semânticas.

A amostra acima referente à UFMA expõe a ementa da disciplina Linguística IV, com uma carga horária de 60h, cujo objetivo geral é apresentar os princípios da Semântica e sua relação com a Linguística. Em seu escopo, procura estabelecer relações entre a Linguística e a Significação, verificar o histórico dos estudos semânticos, e, por fim, identificar seus diferentes níveis. Em seu conteúdo programático, constata-se a inserção da abordagem gramatical, uma vez que são estudados elementos semânticos (lexical, formal, sentido e referência), assim como os estudos na área da semântica do enunciado, da enunciação e do discurso.

Com relação ao programas gerais das disciplinas referente à Língua Portuguesa I, II, III, IV e V não encontramos a contemplação das respectivas ementas. Desse modo, trabalhamos com os conteúdos programáticos. A disciplina Português I, por exemplo, com uma carga horária de 75h, apresenta como objetivo geral demonstrar, pela apreensão do conteúdo programático, o raciocínio crítico e analítico, bem como aplicar os conhecimentos da Língua Portuguesa na compreensão da cultura veiculada a esse idioma.

Sob o material coletado do PROCAD/CAPES, apresentamos dados referentes ao Curso de Letras da UFMA, suscitado por Oliveira (2013) em sua dissertação de Mestrado, cujo título, “*A formação do professor de língua portuguesa: os saberes pedagógicos em foco*”, nos remete aos dados com relação à formação acadêmica dos professores atuantes no Curso de Letras da referida IES brasileira.

Em sua dissertação Oliveira (2013) aponta que 100% dos professores possuem uma pós-graduação *stricto sensu*, dos quais dois professores com Mestrado e Doutorado e um professor com Mestrado, fazendo parte, portanto, dos 14 doutores e 18 mestres, que compõem o quadro de docentes do Departamento do Curso de Letras.

O que representa um avanço para o Ensino Superior brasileiro, não apenas pela própria titulação e, sim, pela produção do conhecimento, como também, pela prática de pesquisa proporcionada por um mestrado e doutorado. Vejamos a seguir apresentação de ementas/programas resumidos das IES UERN e USP:

EMENTA 02 – IES UERN:

EMENTA: Sentido e significado. Semântica estrutural. Semântica gerativa. Análise componencial. Semântica formal ou lógica. Semântica argumentativa. Introdução `teoria dos atos de fala. Introdução à Pragmática. Análise de textos.

EMENTA 03 – IES UERN

EMENTA: Gramática de uso: estudo dos fatos lingüísticos nos níveis fonológicos, morfo-sintático, semântico e estilístico, tendo em vista a sua aplicabilidade no ensino fundamental e médio a partir do enfoque da gramática tradicional.

EMENTA 04 – IES USP:

PROGRAMA RESUMIDO: Estudo de aspectos sintáticos da língua, com ênfase nos dois componentes da estrutura frasal: sintagmas nominal e verbal. Compreensão das diferenças entre gramáticas descritivas, prescritivas e pedagógicas. Discussão entre gramática e discurso.

A ementa 02 corresponde à disciplina Semântica ministrada na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), com uma carga horária de 60h, 04 crédito cujo objetivo é reconhecer a importância da semântica como ciência aplicada ao ensino de língua portuguesa. A exploração das possibilidades de conhecimento do léxico, como proposta, combina relevantes sentidos para possíveis enunciados. Em seu conteúdo pragmático são trabalhados termos básicos e noções fundamentais em semântica, as escolas semânticas e seus fenômenos, bem como, a teoria dos Blocos Semânticos e a semântica cognitiva.

Já a ementa 03, discorre a cerca dos componentes curriculares referentes à disciplina Tópicos de Gramática da UERN. Ao analisarmos o respectivo PGCC da disciplina em questão podemos constatar que é pré-requisito no curso Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas-Licenciatura, a correspondente a cinco créditos, com carga horária de 60h/a teórica e 30h/a prática.

Como objetivo geral se propõe a contribuir para a formação teórica dos graduandos em Letras tomando por base as reflexões que envolvem a gramática tradicional, tendo em vista os estudos da língua em seu uso comunicativo.

Conforme exposição disposta no PGCC, os conteúdos lecionados durante a disciplina foram divididos em três unidades. A primeira unidade traz o conteúdo: conceitos básicos que fundamentam o ensino da gramática- que visa os conceitos de gramática; gramática tradicional e senso comum; questões fundamentais para o ensino de gramática; concepção de linguagem. Seguindo o procedimento comum ao curso, a primeira avaliação se dará por meio de prova escrita e apresentação em sala.

Na segunda unidade trabalham-se objetivos do ensino de Língua Portuguesa- o que (não) ensinar na escola? Em seguida, Tópicos de gramática I: O que se entende por Língua e por Gramática; a quem se destina à gramática. A segunda unidade tem como procedimento avaliativo uma prova escrita e produção de textos cujo foco são em torno das discussões que envolvem a gramática tradicional e a primeira etapa da pesquisa para a produção do trabalho prático.

O conteúdo aplicado na terceira e última unidade refere-se a Tópicos de Gramática II: concepção da gramática tradicional; concepção funcionalista; concepção da pragmática pedagógica; a gramática na sala de aula. A terceira avaliação corresponde a um seminário feito em grupo pelos alunos seguindo os textos dos conteúdos programados e/ou uma produção escrita em forma de artigo científico, ambos sob orientação do docente responsável pela disciplina.

A proposta prática corresponde às 30h/a que foi colocado pelo docente responsável em forma de um artigo que deve ser realizado segundo as respectivas normas:

1. Selecionar um tópico de gramática estudado;
2. Pesquisar como esse assunto é abordado nas gramáticas normativas e qual a concepção de linguagem este se enquadra;
3. Verificar as semelhanças e diferenças existentes entre a gramática normativa e o livro didático utilizado nas salas de aulas do ensino fundamental e médio, ao qual o aluno tenha feito uma observação/estudo de caso;
4. Com base na concepção de linguagem como processo de interação e consequentemente na função que a gramática exerce nessa relação, construir uma proposta de trabalhar o tópico em uma sala de aula (fundamental ou média, seguindo a norma anterior);
5. Apresentar a proposta de trabalho ao grupo;
6. Produção de um artigo no final da disciplina.

Com esses dados é possível verificar que o ensino de gramática na universidade vem ampliando a perspectiva do ensino de língua materna, com base em um ensino funcionalista que pretende investigar a língua em diferentes usos comunicativos, em tempo real. Dessa forma, a língua é vista como uma estrutura maleável sujeita a mudanças conforme o contexto, isto é, a gramática é construída de acordo com as situações de uso em que o sujeito está exposto.

Apontando-nos a existência de uma preocupação da universidade em formar docentes que visam pesquisar as diferentes aplicabilidades da língua, rompendo com o ensino tradicional em que fragmentava a gramática e coloca o indivíduo em contato com a língua em uso.

Em seguida apresentamos o programa resumido (ementa) da disciplina curricular “Tópicos de Gramática”, da USP, com uma carga horária de 30h, sendo que 10h corresponde a créditos práticos e 20h a estudos teóricos. O objetivo da disciplina é

compreender aspectos sintáticos, diferenças entre gramáticas descritivas e prescritivas, bem como suas relações entre o discurso. Ao mapearmos a disciplina, não encontramos nenhuma atividade referente às práticas como componentes curriculares.

Constamos ao final de nossa análise similitudes e diferenças com relação às abordagens gramaticais adotadas nas instituições de ensino superior *corpus* de nossa pesquisa. Os dados mapeados nos refletem a dinâmica entre os conteúdos gramaticais e suas respectivas grades curriculares.

No entanto, os aportes teóricos que subjazem se repete em ambas instituições pesquisadas. o que muda principalmente são as metodologias empregadas quanto a formação do graduando em Letras, já que conforme disposição dos dados, cada instituição oferta disciplinas e créditos práticos diferentes.

Conclusão

Conforme o que foi disposto, constatado e analisado ao longo do presente artigo, pode-se concluir que o ensino de gramática ocorre de forma peculiar em cada instituição pesquisada. Esses dados nos revelam metodologias e abordagens distintas em se trabalhar com conteúdos semânticos, sintáticos, morfológicos e pragmáticos por partes das instituições de ensino superior (em seus componentes curriculares), bem como, nos professores que estão a frente das disciplinas, a exemplo, os trabalhos práticos que cada IES adota para a aproximação do graduando em Letras com a prática escolar cotidiana.

No caso da UFMA, os graduandos têm esse contato desde o 3º período ao cursarem as disciplinas Aproximação com a prática escolar, Intervenção Escolar, dentre outras. Com relação às IES UERN e USP, essa aproximação só ocorre nos estágios e/ou em trabalhos práticos de disciplinas como Tópicos de Gramática (Na UERN em seu PGCC que corresponde a 30 horas no qual o aluno deverá pesquisar sobre a tradição gramatical e sua abordagem em um livro didático do ensino médio, buscando aportes teóricos na leitura de Neves (2002-2004) e Britto (1997), para comparar o que diz a teoria e o que está posto implícito e explícito no livro didático a ser analisado).

Tais exemplos e reflexões nos apontam que o ensino de gramática não deve se limitar a um método e/ou a uma gramática específica. É preciso considerar o estudo de novas visões gramaticais que possibilitem ao aluno não apenas em processo de formação acadêmica e, sim, em todos os níveis escolares a possibilidade de articular estratégias de estudos gramaticais em consonância com o texto e o funcionamento discursivo.

Dessa forma a desmistificar a errônea concepção de que o estudo de gramática é complexo e difícil, uma vez que a gramática em suas múltiplas funcionalidades estimula o desenvolvimento cognitivo do aprendiz ao lhe possibilitar critérios para adequação da linguagem o estimulando ao exercício do pensamento crítico.

A pesquisa nos possibilitou resultados valorativos ao que remete a capacitação dos profissionais do curso em Licenciatura Letras Vernáculas (Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas), que embora, estejam localizados em regiões geográficas distantes, há um encontro nos conteúdos e metodologias, cujo maior beneficiário são os acadêmicos que tem acesso a um ensino de gramáticas sem preconceitos e/ou barreiras para a promoção de uma base gramatical que lhe servirão enquanto futuros profissionais no exercício da disciplina Língua Portuguesa em instituições de ensino.

Referências Bibliográficas

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38 ed.rev. 19ª reimpressão. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DU BOIS, J. W. **Competing Motivations**. In: HAIMAN, J. (org). Iconicity in syntax. Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 1985.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, E. G. **A formação de Língua Portuguesa: os saberes pedagógicos em foco**. São Luís: UFMA. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Mestrado em Educação, Universidade Federal do Maranhão, 2013.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, M. R. de; WILSON,V. **Linguística funcional aplicada ao ensino do português**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução a linguística: fundamentos epistemológicos**. 3. ed. São Paulo: Cortez: 2007. v. 3.

VIDAL, R. M. B. **As construções com advérbios em – mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.